

Monstruosidade na identidade de drags no contexto de Porto Alegre/RS¹

Patrick Sutil do Nascimento²

Alessandra Teixeira Primo³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Resumo

Objetivamos refletir sobre a construção da identidade de drag monstras e de como elas se relacionam no cenário drag de Porto Alegre/RS. Para isso, realizamos revisão de literatura e acionamos dados de pesquisa empírica que adotou entrevistas e análise de conteúdo como metodologia. Inferimos que a construção de tal identidade se dá a partir de diferenças, que se manifestam através de mecanismos de opressão na cidade, desencadeando uma política dos corpos *queers*.

Palavra-chave: drag monstra; drag queen; identidade e diferença.

Cenário drag em Porto Alegre/RS

A arte drag é uma expressão que se conforma enquanto uma performatividade artística, desenvolvendo-se nacional e internacionalmente. Porto Alegre/RS apresenta uma cena drag bastante estruturada: conta com um time diverso de artistas como Cassandra Calabouço, Charlene Voluntaire, Amy Babydoll, Rebecca Rebu, Mona Vipere, entre tantas outras; casas de *shows* ou que contratem *shows* drags, como o Workroom, o Vitraux Club, o Venezianos Pub Café e o Mixx Bar; e, saunas e festas em que drags também são contratadas.

Como toda forma de arte, no movimento drag existem diversas abordagens baseadas na estética, uma delas diz respeito às drag monstras. Assim, este artigo objetiva promover algumas reflexões acerca da construção da identidade monstra dessas artistas e de como elas se relacionam no cenário drag da cidade em que estão inseridas.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, alteridade e diversidade, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando em Comunicação (UFRGS) e bolsista Capes. Bacharel em Publicidade & Propaganda e Relações Públicas (UFRGS). Pesquisador membro do Núcleo Corporalidades do GPESC/UFRGS. E-mail: sutilpatrick@outlook.com.

³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS. Doutora em Informática na Educação (UFRGS). Mestre em Jornalismo (Ball State University). Graduada em Publicidade e Propaganda e Jornalismo (UCPEL).

Nesse movimento, busca-se dialogar com Silva (2014), Landowski (2002) e Preciado (2022), acionando dados de pesquisa empírica, empreendidos no ano de 2024, mediante entrevistas com quatro drag monstros da cidade de Porto Alegre/RS. A seguir, iremos propor notas acerca da arte drag e da formação de identidades.

Arte drag e a formação de identidades

O ato drag é uma forma artística que evidencia uma questão de metamorfose da identidade, uma vez que seus atores circulam de modo mais fluido entre os limites de gênero, conforme propõem Chidiac e Oltramari (2004). Para os autores, ser drag queen está associado a um processo de um homem cisgênero na criação de uma personagem feminina, de maneira caricata e luxuosa, a partir dos signos atribuídos ao corpo feminino, por meio de arte performática. Entretanto, existem estudos que pensam a arte drag em um prisma que não reduz sua potencialidade e nem desenha limites tão rígidos numa conceitualização. Rosa (2014, p. 16) questiona o entendimento de que a arte drag é exclusivamente desempenhada por homens cisgêneros ao pontuar que “drag queens não são travestis, mas podem ser. Não são transexuais, mas podem ser. Não são mulheres, mas podem ser e nem homens, mas também o podem”. Ao encontro disso, Speckart (2023) afirma que a arte drag não se resume a um jogo de oposições de gênero, em que um homem cisgênero gay vai “vestir-se de mulher”. O pesquisador argumenta que essa ideia, além de deslegitimar o trabalho de diversos artistas drag que não se incluem na categoria “homem cisgênero e gay”, como mulheres e pessoas não-binárias, representa um pensamento danoso para o movimento. No contexto atual, a arte drag é vista de forma plural e diversa. Não existem regras quanto a quem pode ou não desempenhá-la, nem está necessariamente relacionada à ilusão do corpo feminino através de materiais criativos. Entende-se que a arte drag ainda está relacionada à transformação do eu a partir de arte performática e à resistência de corpos *queers*.

A diversidade dentro do movimento implica na existência de uma vasta tipologia drag, ou seja, classificações baseadas, principalmente, em questões estéticas. Essas tipologias, por sua vez, estão ligadas à forma com que as artistas se identificam dentro do movimento artístico, evidenciando o que Silva (2014) propõe a respeito da formação da identidade: é construída dentro da diferença e não fora dela. O autor também aponta

que certas identidades são fixadas como norma, e que todas as desviantes estariam fora do acesso a certos privilégios sociais. Desse modo, podemos dizer que existe uma identidade considerada padrão para as artistas drags – as relativas à ilusão do corpo feminino – e que todas as outras identidades que assim não se conformam são desviantes desse padrão. Landowski (2002) propõe que as dissidências à norma podem ser encaradas por dois vieses: o da exclusão ou o da assimilação. Pelo viés da exclusão, entende-se que o outro não deve ser incluído – sua diferença não é bem-vinda. Já pelo da assimilação, a diferença é acolhida através da ideia de assemelhação aos demais. Entre as diversas classificações drag estão as drag monstras, as quais iremos adentrar a um melhor entendimento a seguir.

Drag monstras

Visando esclarecer a abordagem das drag monstras, Barillo (2020) afirma que se tratam daquelas artistas que, através da arte drag, não pretendem performar um estereótipo de gênero, mas sim ideias de desconstrução do que seria um ser humano. Conforme a autora, essa noção seria tanto estética, ao passo em que essas artistas buscam assemelhar-se visualmente com monstros, mas também conceitual, já que “o monstro força a ruptura das bases, quebrando com estruturas monolíticas” (Barillo, 2020 apud Paleólogo, 2013, p. 2). Nesse sentido, Gadelha, Maia e Lima (2020) apontam que as drag monstras, ao buscarem o desmanche da heteronormatividade, representam o futuro da política *queer*. Para entender essa tipologia drag, é necessário adentrar a noção conceitual da monstruosidade.

Jeha (2007) afirma que o monstro tem origem na mitologia grega e romana, sendo encarado como um aviso contra uma infração do acordo de paz estabelecido entre a humanidade e o divino. Assim, passa-se a entender que a monstruosidade está atrelada à quebra de regras e convenções que os humanos deveriam seguir. Sobre a aparência do monstro, a “monstruosidade carrega implicações tanto estéticas quanto políticas [...] deformidades externas revelam transgressão, pois o indivíduo personifica uma traição da natureza” (Jeha, 2007, p. 8). Logo, sua estética é entendida como monstruosidade ao ser antinatural, não própria aos humanos. Dessa forma, o monstro apresenta uma dimensão política – é o rompimento com o sistema que assenta a ordem; uma falha que

pode ter sido cometida em diferentes aspectos, uma imperfeição que propõe desequilíbrio ao funcionamento habitual, aquele que já é reconhecido e tido como natural pelos humanos.

A partir desses levantamentos acerca da figura do monstro, que o caracterizam através de quebras de normatividades sociais que são lidas como um perigo à sociedade, podemos pensar na noção de monstrosidade presente em grupos políticos minorizados. Paul B. Preciado (2022) propõe que vivemos no regime da diferença sexual, o qual diz respeito a um sistema sexista que estabelece os limites e regras para definir gêneros e sexualidades, impondo o espectro cis-binarista de gêneros e a heterossexualidade compulsória como regra. Assim, tudo o que quebra as normas do regime da diferença sexual é lido socialmente como uma forma de monstrosidade. Adiante, iremos explicitar os procedimentos de análise realizados.

Procedimentos de análise

Temos como base de dados as informações coletadas em 2024, durante a pesquisa monográfica que elaboramos (Nascimento, 2024), orientada pela Profa. Dra. Alessandra Primo, para a qual realizamos entrevistas semiestruturadas com quatro drag monstras⁴ da cidade de Porto Alegre/RS, realizadas no período de 22 a 23 de julho de 2024, por meio da plataforma Google Meet.. Através da análise de conteúdo proposto por Bardin (2011), foram sistematizadas duas grandes categorias, com subcategorias, a partir de similaridades temáticas e pelo agrupamento de núcleos de sentidos. Aqui, nossas reflexões serão destinadas a subcategoria “Desvios normativos sociais”, constituinte da categoria Identidade monstra, e a subcategoria “Oportunidades no mercado drag da cena local”, constituinte da categoria Arte drag monstra no cenário de Porto Alegre/RS. A seguir, apresentamos a categoria Identidade monstra, sistematizada a partir dos núcleos de sentidos obtidos a partir das percepções das drag monstras entrevistadas.

⁴ As drag monstras entrevistadas são: Amessy Del Flamingo, que se afirma como uma pessoa preta, não-binária e androssexual; Ptera Dactyla, que se afirma como uma travesti não-binária branca e bissexual; Tiffany Piazza, que se afirma como uma mulher cisgênera, branca e bissexual; e Valkiria Montezuma, que se afirma como um homem cisgênero, branco e gay.

Identidade monstra

Inicialmente, a partir dos relatos obtidos, observamos o pensamento exposto por Rosa (2014) ao propor que drags podem ser mulheres, travestis, pessoas não-binárias, etc., em oposição à ideia de que drag queens são apenas homens cisgêneros (Chidiac; Oltramari, 2004). Isso fica claro nos seguintes excertos:

Eu sendo uma mulher, né [...] (Tiffany Piazza).

[...] porque como eu sou trans [...] (Ptera Dactyla).

Uma vez que se afirmam dentro de dissidências normativas sociais, essas características de suas subjetividades são percebidas como fatores de estranheza que tornam esses indivíduos em monstros perante a sociedade, ou seja, negam-lhes a humanidade. Sobre isso, Ptera afirma:

A gente já é monstro. A gente já tá um pouco nesse lugar como LGBT, né [...] No final, para heterocisnorma⁵, a gente sempre vai ser monstro. Eu acho que não tem muito para onde eu fugir do “monstra”. [...] eu ando na rua e eu sou monstra, eu sou a estranha [...] (Ptera Dactyla).

Tal como proposto por Preciado (2022), ao abordar o regime da diferença sexual, as artistas percebem que são monstrualizadas socialmente por não seguirem essas normatividades. Sendo elas mulheres, pessoas trans e não-binárias, quebram a lógica desse sistema e, conseqüentemente, percebem que suas diferenças são lidas como monstrosidade. Em decorrência disso, observamos que o caráter de monstro é algo primeiramente imposto a elas pelo convívio social, antes que pudessem vir se identificar com ele. Portanto, não nos parece ser uma questão necessariamente de escolha. Trata-se, em primeira instância, de uma imposição social.

De acordo com os relatos obtidos, as diferenças normativas das artistas entrevistadas as colocam em um posto de monstrosidade na sociedade. Contudo, demonstram que se apropriaram desse termo e fizeram uma inversão de sentidos: não

⁵ Heterocisnorma diz respeito a um sistema cisgênero e heterossexual, imposto como norma compulsória socialmente.

mais percebem de forma pejorativa o que lhes é atribuído como monstrosidade, mas passam a ressignificar isso como empoderamento pessoal, demonstrado no seguinte excerto:

Eu acho isso muito potente assim, a gente se enxergar dessa forma [monstruosa]. ele [monstro] engole a cabeça das pessoas, ele mata as pessoas [...] A gente pegar esses traços negativos que as pessoas dão pra a gente assim, até como pessoas LGBT também, é muito poderoso, né? [...] Aí a gente realmente ressignifica isso pra gente transformar numa potência, numa coisa positiva, numa coisa que vai nos deixar fortes (Tiffany Piazza).

As artistas demarcam a percepção em seus relatos de que, ao se apropriarem da terminologia da monstrosidade que a sociedade as designou de forma depreciativa, elas não são mais assujeitadas pelo meio social. Esse processo requer tirar o poder do outro em dizer que elas são monstros, para reivindicar elas mesmas por sua monstrosidade. Ser monstra vira forma de empoderamento, representando uma potência, forçando ruptura em bases já estabelecidas e estipulando uma quebra nas estruturas monolíticas (Barillo, 2020 apud Paleólogo, 2013, p. 2). Essa ruptura de sentidos não apenas significa uma forma de empoderamento, como também passa a conformar uma identificação com o monstro.

Adiante, após processo de ressignificação, observamos que as drags monstras se identificam com a figura do monstro. Como demonstração disso, Tiffany afirma:

Se a gente for pensar assim na explosividade do monstro, na agressividade do monstro, eu sou uma pessoa que eu já ouvi muitas vezes que eu sou uma pessoa muito expansiva, que eu sou uma pessoa que eu não tenho muita delicadeza no geral (Tiffany Piazza).

Descrevendo o monstro a partir de algumas das suas características formativas, como a explosividade e a agressividade, a entrevistada relata enxergar proximidades entre sua individualidade e o monstro. Ainda, tal identificação é argumentada a partir da sua própria descrição vinda de outras pessoas de seu convívio social, sendo definida como uma potência, conforme segue o excerto:

Também não só por causa da forma que a sociedade nos enxerga, mas por causa da potência que a gente tem, da força que a gente tem e até o espaço que a gente ocupa [...] a gente assume essa forma de monstros assim para a sociedade, como a gente vira um ser bizarro ou

ser estranho, a gente acaba inconscientemente ocupando esse espaço e é de uma forma muito política também [...] política de ser monstra (Tiffany Piazza).

Desse modo, as drag monstras configuram a monstruosidade numa política, como apontam Jeha (2007) ao afirmar a dimensão política do monstro e Gadelha, Maia e Lima (2020) ao argumentarem que a performatividade monstra estaria de acordo com o futuro da política *queer*. Por sua vez, essa não seria apenas uma política relativa ao ato de ser drag queen, mas intrinsecamente ligada ao fato de serem monstras, ao ponto de a nomearem como “política de ser monstra”. Adiante, apresentamos a categoria Arte drag monstra no cenário de Porto Alegre/RS, sistematizada a partir dos núcleos de sentidos obtidos a partir das percepções das drag monstras entrevistadas.

Arte drag monstra no cenário de Porto Alegre/RS

A partir dos relatos das drag monstras, percebemos que um dos fatores que possibilitam a presença de uma identidade monstra no cenário drag da sua cidade é a existência de outras identidades, tais como a abordagem hegemônica do drag, relativas aos signos de feminilidade. Sobre a existência dessas identidades, Amessy ressalta:

Senti uma pressão grande de trazer minha drag monstra para cena de Porto Alegre porque aqui é uma cena de muitas drags de beleza. E aí, quando tu está um pouco assim, fora do negócio da beleza, tu fica te sentindo meio tipo “eu tô feinha” (Amessy Del Flamingo).

Com isso, observamos que as drag monstras conseguem construir uma identidade a partir da diferença, ao passo em que não se reconhecem enquanto “drags de beleza”, ou seja, relativas à abordagem padrão da arte. Tal fato está em concordância com Silva (2014), ao afirmar que a formação da identidade se dá dentro do processo de diferenciação e não fora dele. Assim, uma drag monstra entende que é monstra porque não é padrão (está *fora do negócio da beleza*). Essas diferentes identidades drags presentes em Porto Alegre/RS irão tecer relações de poder que resultam num processo de exclusão e/ou manutenção de normas atribuídas à prática drag na cidade.

Tendo em vista a relação das monstras com algumas dessas outras artistas de abordagem padrão, as entrevistadas relatam que encontram certa resistência acerca do

entendimento de sua estética e/ou negação de um apoio em seus trabalhos, como evidenciado por Valkiria:

Vejo bastante resistência no meio drag para esse tipo de estética, né? [...] Porto Alegre ainda tá muito presa na vibe bate cabelo da vida, né? daquelas drags que eram perfeitas e tal [...] isso tanto de drags como de de casas, né [...] Eu vejo que ainda há uma certa barreira de alguns lugares para contratar esse tipo de drag [monstra], sabe [...] As casas têm medo de investir, em mostrar esse tipo de arte (Valkiria Montezuma).

Esse comportamento de algumas artistas de abordagem considerada a norma, resistentes ao suporte das drag monstras, evidencia o viés da exclusão das dissidências identitárias trazidas por Landowski (2002). Ao não considerarem válidas ou não aceitarem a diferente estética das monstras, promovem a sua exclusão no cenário local. Por conseguinte, com base nos relatos trazidos acima, tal resistência também é encontrada nos contratantes locais, que não demonstram oferecer as mesmas oportunidades para as drags monstras, em relação às ofertas das artistas tidas como o padrão. Desse modo, Silva (2014) aponta que toda identidade considerada desviante da norma está fora do acesso a certos privilégios sociais – processo que afeta as drags monstras em Porto Alegre/RS. Por conseguinte, essa resistência à estética monstra, apresentada no cenário drag porto-alegrense, resulta em um ideal de manutenção do padrão hegemônico drag como a forma aceitável da performatividade da arte na cidade. Como estratégia de enfrentamento a esses mecanismos que operam contra as monstras, as entrevistadas relatam a necessidade de mesclar elementos do formato hegemônico drag à sua abordagem, conforme expresso no seguinte relato:

A gente pode sempre buscar misturar o que a gente quer fazer com o que o que as pessoas querem ou fazer o que a gente quer de uma forma que agrada o público, sabe [...] Porque eu sei que se eu fizesse 100% o que eu quero, eu não ia agradar tanto o público e as pessoas que me contratam (Tiffany Piazza).

Observamos que as monstras optam pela mistura entre uma abordagem monstruosa, relativa à sua estética, com elementos constituintes da abordagem padrão, numa tentativa de se readequar para se inserirem no cenário drag de Porto Alegre/RS. Essa prática recorrente na cidade nos evidencia o processo de assimilação das diferenças

a partir da assemelhação aos demais, proposto por Landowski (2002). Buscando assemelhar-se com a norma, as drag monstras visam oportunidades no cenário local que acreditam que, de outra forma, não receberiam. A seguir, partiremos para algumas considerações, demonstrando nosso entendimento acerca dos resultados que foram obtidos.

Considerações finais

A partir da pesquisa realizada, compreendemos que as drag monstras entrevistadas são sujeitas dissidentes das normatividades sociais. Devido às suas diferenças, esses indivíduos foram monstrualizados socialmente. Precisaram realocar o posto pejorativo da monstrosidade em um local de empoderamento. A partir disso, passaram a identificarem-se com a figura do monstro e criaram suas personas drags a partir desse conceito. Acreditam que sua performatividade desencadeia em uma política dos corpos *queers*, as quais nomearam como “política de ser monstra”. Ademais, a partir dos relatos trazidos pelas monstras, observamos uma intenção de manutenção da identidade padrão estabelecida para a arte drag na cidade, relativa à beleza hegemônica feminina. As drag monstras enfrentam certa resistência quanto a aceitação de sua identidade, precisando recorrerem a estratégias como a readequação de suas estéticas, tendo em vista a inserção no mercado drag de Porto Alegre/RS.

Por fim, entendemos esse movimento de pesquisa como uma breve entrada aos estudos acerca da monstrosidade presente no movimento drag. Acreditamos que esse tema ainda precisa ser melhor debatido dentro da comunidade científica, visto o baixo número de trabalhos já realizados, pois enquanto a academia permanecer representando mais um lugar de manutenção de normatividades que operam na exclusão social desses agentes, afastando essas pessoas e negando a importância de suas histórias, não há como uma transformação reverberar no comportamento da sociedade. Há potencialidade nos estudos comparativos, por exemplo, das cenas monstras entre estados brasileiros. Ainda, poder-se-ia questionar como são produzidos os sentidos de monstrosidade dentro do movimento drag. O campo é vasto e precisa ser mais explorado. A pesquisa científica é um importante meio de problematização de determinadas narrativas e vivemos em um

contexto social em que os grupos monstrualizados precisam ter suas vivências marcadas como relevantes, visíveis e debatidas.

Referências

BARILLO, Maira Lopes. Monstruosidade na montagem: a performatividade monstruosa de drag queens, dançarinas burlescas e de voguing fotografadas. **Arte da Cena (Art on Stage)**, Goiânia, v. 6, n. 1, 2020. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/artce/article/view/59818>>. Acesso em 3 de jun. de 2025.

CHIDIAC, Maria Teresa Vargas. OLTRAMARI, Leandro Castro. **Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer**. Natal: Programa de Pós-graduação em Psicologia - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2004. Disponível em: <<https://shorturl.at/rDuyv>>. Acesso em 3 de jun. de 2025.

GADELHA, Dilermando; MAIA, Yasmin; LIMA, Regina Lucia Alves de. Drag, glamour, filth: gênero e monstruosidade em Rupaul's Drag Race e Dragula. **Cadernos Pagu**, Belém, n. 61, junho de 2020.

JEHA, Julio. **Monstros e monstruosidades na literatura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

NASCIMENTO, Patrick Sutil do. **Drag, monstruosidade e identidade: estudo sobre a percepção de drag monstros sobre si e sua participação no cenário drag da cidade de Porto Alegre/RS**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Públicas) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2024.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala: Relatório para uma academia de psicanalistas**. Trad. de Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2022.

ROSA, Pedro Henrique Cremonese. **The realness: a feminilidade na construção mitológica da corporalidade drag queen como representação social**, 2018. Dissertação (Comunicação) — Universidade Estadual de Londrina, Paraná, 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed.-Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 73-101.

SPECKART, Jeanne Martins. **Uma andança por pedagogias Drag**. 2025. Dissertação (Curso de Moda) - Udesc, 2023. Disponível em: <https://repositorio.udesc.br/handle/UDESC/18705>. Acesso em jun. de 2025.